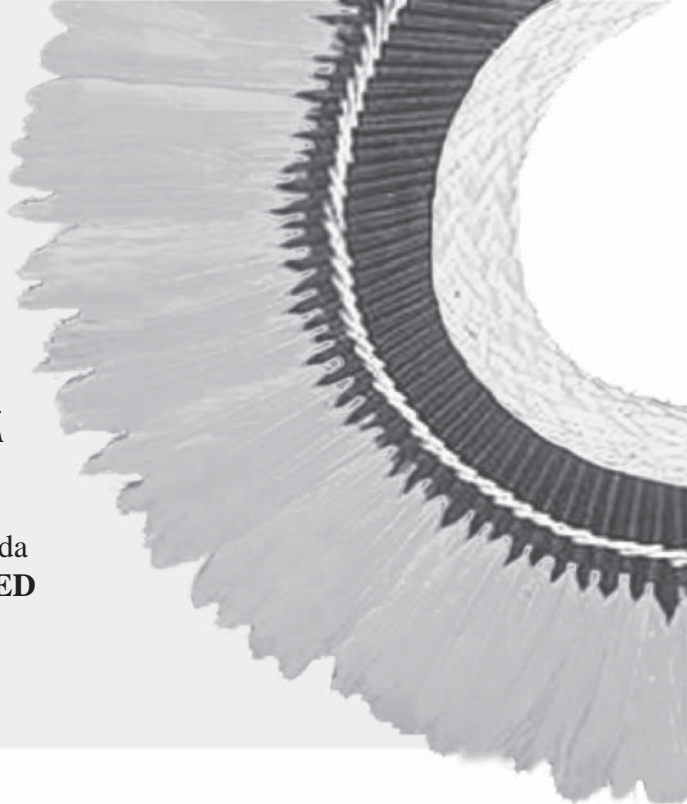


CULTURA E IDENTIDADES DOS  
RIBEIRINHOS DA ILHA DOS CARÁS NO  
MUNICÍPIO DE AFUÁ

*CULTURE AND IDENTITY OF THE  
RIBEIRINHOS FROM ILHA DOS CARÁS, IN  
THE DISTRICT OF AFUÁ*

Edielso Manoel Mendes de Almeida  
Secretaria de Estado da Educação do Amapá - SEED



**Resumo**

Este artigo consiste em um capítulo da dissertação de mestrado intitulada *Saberes mobilizados e produzidos na prática pedagógica de professores ribeirinhos*, defendida no programa de pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. O capítulo discute a cultura e identidade dos ribeirinhos da Ilha dos Carás, localizada no município de Afuá, no Estado do Pará. Procuramos retratar, a partir de entrevistas semiestruturadas com seis moradores que estão diretamente envolvidos nas atividades produtivas, religiosas e de liderança na ilha, a maneira como vivem, convivem e sobrevivem a partir das relações que estabelecem com a natureza e entre si, bem como a identificação dos elementos simbólicos que marcam a sua identidade cultural. Na análise dos dados produzidos dialogamos com autores que discutem a educação na Amazônia Paraense dentre eles: Barros (2007), Fares (2004), Corrêa (2005), Loureiro (2001), Oliveira (2004) e Rodrigues (2004).

**Palavras-chave:** Cultura. Identidade. Ribeirinhos.

**Abstract**

This article is a chapter from the master dissertation entitled *Saberes mobilizados e produzidos na prática pedagógica de professores ribeirinhos* (Mobilized and produced knowledge in the pedagogic practice of ribeirinho teachers), defended in the post graduation program in Education of Universidade do Estado do Pará (Pará State University). The chapter discusses the culture and identity of the ribeirinhos from Ilha dos Carás, located on the Afuá district, in Pará. We attempted to portray, by use of semi-structured interviews with six locals directly involved in the productive, religious and leadership activities on the island, how they live, interact, and survive from the relationships they establish with nature and among each other, as well as the identification of symbolic elements that mark their cultural identity. In the analysis of the collected data we establish dialog with authors that discuss the issue of education in Pará's Amazonia, such as: Barros (2007), Fares (2004), Corrêa (2005), Loureiro (2001), Oliveira (2004) and Rodrigues (2004).

**Keywords:** Culture. Identity. Ribeirinhos.

## Introdução

Este artigo é um recorte de uma pesquisa que investigou os saberes mobilizados e produzidos na prática pedagógica dos professores das séries iniciais do ensino fundamental que atuam nas classes multisseriadas em escolas rurais-ribeirinhas localizadas no Regional Carás em Afuá. Desenvolvemos um estudo baseado na abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, o recorte foi feito para situar as escolas rurais-ribeirinhas dentro do contexto social, econômico e cultural dos ribeirinhos com o objetivo de identificar os elementos simbólicos que caracterizam o modo de ser/viver/conviver dos sujeitos do lugar, bem como as relações estabelecidas com a natureza.

Na organização do texto iniciamos com a concepção de cultura amazônica baseada em autores amazônidas que discutem a temática, em seguida retratamos, a partir do olhar dos sujeitos do referido lugar, a maneira como vivem/convivem/sobrevivem. Finalizamos com uma discussão sobre os elementos simbólicos que permeiam a cultura e a identidade cultural dos ribeirinhos.

O modo de viver/conviver/sobreviver  
dos ribeirinhos da ilha da  
Madeira Vida Boa<sup>1</sup>

O dia ela chega toda manhã  
Com nuvens de fogo pintando o céu  
Um ventinho frio sopra sim e assim  
Veza em quando se escuta o canto do Japim.  
A canoa balança bem devagar  
A maré vazou, encheu é preamar, eh  
O Zé vai pro mato apanhar açai  
Maria pra roça vai capinar  
A vida daqui é assim devagar  
Precisa mais nada não pra atrapalhar  
Basta o céu, o sol, o rio e o ar.  
E um pirão de açai com tamuatá.  
Que vida boa su mano  
Nós não tem nem que fazer planos  
E assim vão passando os anos eita!  
Que vida boa  
Que vida boa su primo  
Nós só tem que fazer menino  
E assim vão passando os anos eita  
Que vida boa

<sup>1</sup> Letra de Zé Miguel e Joãozinho Gomes, compositores amapaenses.

A música “Vida Boa” representa uma imagem idílica da vida dos ribeirinhos, que ainda perdura no imaginário das pessoas que desconhecem as lutas travadas cotidianamente para a permanência<sup>2</sup> e sobrevivência na Amazônia rural-ribeirinha.

Os ribeirinhos da Ilha dos Carás não levam a vida boa cantada pelos compositores, muito pelo contrário, cada dia é uma batalha que travam para garantir a sobrevivência. O Zé sai de madrugada, junto com a Maria e os filhos, para o mato apanhar<sup>3</sup> açai no período de março a julho, época em que o produto é à base da economia dos moradores da ilha. O resultado do dia de trabalho é vendido a preços irrisórios para os atravessadores,<sup>4</sup> pois o Zé não tem condições de levar o fruto do trabalho de sua família para vender diretamente ao consumidor na cidade.

Os filhos do Zé com a Maria faltam constantemente na escola, precisam ajudar o pai e a mãe a tirar o açai, pois quanto mais braços trabalhando, maior a produção.

Os ribeirinhos, quando não estão na mata, estão despescando<sup>5</sup> o matapi, colocando a malhada<sup>6</sup> ou na pesca para pegar o *tamuatá*<sup>7</sup> para comer com o pirão de açai. Isso é vida boa? Boa para quem? Sem dúvida não é para o ribeirinho, que não tem apoio do poder público para escoar o produto do extrativismo, e desta forma, fica preso nas mãos de atravessadores que ditam o preço que querem pagar pela produção (peixe, camarão, palmito, açai). Que vê, a cada ano, seus filhos serem reprovados ou terem que abandonar a escola por vários motivos, dentre os principais, o trabalho e a longa distância que precisam remar para chegar até ela. Muitos passam fome, principalmente no período da entressafra do açai, por não terem de onde tirar o que comer, haja vista, que o peixe e o camarão, estão cada vez mais escassos nos rios, lagos, furos e igarapés da ilha.

Para entendermos o modo de viver dos ribeirinhos da ilha dos Carás, precisamos desmistificar essa visão romântica construída pelo colonizador sobre o modo de ser, viver e sobreviver na Amazônia, ou melhor, nas Amazôniaas.

<sup>2</sup> Luta por direito a terra de onde tira o seu sustento e de sua família.

<sup>3</sup> Colher o açai, também é bastante utilizada a expressão “tirar o açai”

<sup>4</sup> Comerciantes, donos de embarcações que negociam a compra de produtos (açai, camarão, peixe) diretamente com os ribeirinhos.

<sup>5</sup> Tirar os camarões que estão dentro do matapi, que é um instrumento de pesca utilizado pelos ribeirinhos para aprisionar o camarão.

<sup>6</sup> Espécie de rede, tecida pelos ribeirinhos, que é utilizada para pescar.

<sup>7</sup> Peixe comum nos igarapés e lagos da Amazônia.

Para os de fora, a imagem que se tem da Amazônia é mais homogênea [...]. Para os habitantes da própria região, a “Amazônia” é um termo vago que adquire múltiplos significados correspondentes aos mais diferentes contextos sócio ecológico-culturais específicos que são os espaços do seu cotidiano. Assim, enquanto para uns – os de fora, “Amazônia” aparece no singular, para outros, isto é, para os que nela moram – ela é plural e multifacetada (GONÇALVES, 2005, p. 18).

A pluralidade é a principal característica desta região, a diversidade e a complexidade do seu território é tão vasta que, para falarmos sobre ela, é preciso estar no seu interior para identificar qual é a Amazônia que estamos nos referindo. Assim, este vasto território é habitado por caboclos, garimpeiros, posseiros, ribeirinhos, quilombolas, povos indígenas, pescadores, coletores, agricultores rurais, colonos, imigrantes, atingidos por barragens dentre outros povos que (re) constroem o espaço amazônico. Esta diversidade de povos caracteriza a Amazônia como um lugar heterogêneo, que é formado por um universo cultural pluralizado, como afirma Fares (2004, p. 86) “não existe uma cultura, uma identidade amazônica no singular. A concepção deste espaço é plural. As diferentes manifestações culturais trazem marcas do híbrido e da mestiçagem.”

Para Rodrigues et al (2007, p.29) a cultura popular amazônica refere-se:

[...] aos diversos modos das classes e dos grupos populares da Amazônia de produção e reprodução social da realidade, assentadas nas condições de vida locais, nos saberes, nos valores, nas práticas sociais e educativas, no simbólico e no imaginário de uma variedade de sujeitos habitantes de área de terra firme, várzea e igapó, em localidades rurais e urbanas da região.

Neste trabalho, a Amazônia Paraense, especificamente a Amazônia rural-ribeirinha, foi o lugar onde convivemos e dialogamos com ribeirinhos que vivem e convivem na ilha da Madeira. De acordo com Loureiro (2001, p. 65), a cultura ribeirinha é a que mais expressa a cultura amazônica “seja quanto aos seus traços de originalidade, seja como produto da acumulação de experiências sociais e da criatividade de seus ha-

bitantes”. Criatividade que começa na produção de artefatos que compõem o universo cultural, que são apreendidos pelos mais jovens através da oralidade, e estão presentes nas relações sociais, religiosas e econômicas.

A ilha faz parte do arquipélago do Marajó e pertence ao Município de Afuá, é o distrito mais próximo do Estado do Amapá, da capital Macapá até a ilha, a viagem dura em média 90 (noventa) a 120 (cento e vinte) minutos pelo majestoso rio Amazonas, o acesso é somente de barco, sendo o mais comum os catraios, que saem diariamente da Rampa do Açaí, local onde são comercializados os produtos (principalmente açaí, peixe e camarão), oriundos desta e de outras ilhas do Marajó. No arquipélago moram em torno de 60 famílias ribeirinhas.

A proximidade com a cidade facilita o trânsito entre a área urbana e a rural-ribeirinha, com isso, fica nítida a presença de artefatos e de comportamentos da cultura urbana. O celular, a antena parabólica, a televisão, o fogão a gás e a geladeira estão ao lado do radinho de pilha, do fogão a lenha e do pote.<sup>8</sup> Assim, novas tecnologias produzidas pela indústria na sociedade moderna dividem o espaço com as tecnologias criadas por homens e mulheres do arquipélago Marajoara.

As pressões pelo consumismo e do utilitarismo funcional da sociedade contemporânea já estão presentes no cotidiano dos moradores. A televisão, todas as noites (o motor de luz é ligado a partir das 18 horas e desligado após a novela das nove da Rede Globo), traz para as residências as notícias do mundo, bem como fomenta o consumismo de crianças, jovens e adultos.

Para Loureiro (2001, p. 65) “é preciso entender que a cultura do mundo ribeirinho se espalha pelo mundo urbano, assim como aquela é receptora das contribuições da cultura urbana”. A presença dos hábitos, costumes e valores urbanos se misturam com os da cultura ribeirinha, o que a caracteriza como híbrida.<sup>9</sup>

Apesar da proximidade com a cidade, os ribeirinhos não se encontram integrados à cultura urbana, ainda mantém valores, hábitos e costumes que os ligam com a natureza, e os tornam dependentes do rio e da floresta.

No tocante à concepção de ribeirinho, partimos da compreensão de Corrêa (2004) para o

<sup>8</sup> Utensílio feito de barro que serve para colocar água para beber.

<sup>9</sup> Na visão de Kruzinski (2001) a hibridação corresponde às misturas que se desenvolveram dentro de uma mesma civilização ou de um mesmo conjunto histórico.

qual ribeirinhos são homens, mulheres, jovens e crianças que nascem, vivem, convivem e se criam, existem e resistem às margens dos rios. Neste sentido, Gonçalves (2005, p. 154) afirma que:

O ribeirinho é sem dúvida, o mais característico personagem amazônico. Em suas práticas estão presentes as culturas mais diversas que vêm dos mais diferentes povos indígenas, do imigrante português, de imigrantes nordestinos e de populações negras. Habitando as várzeas desenvolveu todo um saber na convivência com os rios e com a floresta.

A população ribeirinha, da ilha, está distribuída nas sete vilas que são chamadas pelos moradores de comunidades, cada uma localizada nas margens dos rios: Carás, Caetano, Cajueiro, Canavial, Santo Antônio, Furo Seco e Furo dos Porcos.

*Nós moramos aqui, na beira do rio, por causa da água corrente, morar dentro da mata a água fica represada, aí fica difícil agente consumir a água represada. Aqui no rio a água é corrente, a maré enche e vaza, e sempre vem a água limpa, que serve pra tomar, e fazer outras coisas. Também o acesso de pessoas que andam com mercadoria, isso facilita o comércio na beira do rio, a venda e a compra de mercadoria. (M.1)*

O Morador 1 relata os motivos que levaram os ribeirinhos da ilha a construir suas residências na beira dos rios. Dentre eles está à água corrente, fato que a torna mais saudável para beber, assim como, para a alimentação, higiene pessoal e da casa. Na maré cheia, a água invade o quintal, por isso as casas são construídas a certa altura do chão para evitar alagamentos e a presença de animais peçonhentos (cobras, aranhas, sapos, lagartos, dentre outros) oriundos da mata e das águas. São estratégias que o ser humano cria para adequar-se a natureza.

As casas das comunidades da ilha dos Carás são heterogêneas; remando pelos rios encontramos casas feitas de palha, jussara<sup>10</sup> e de madeira cobertas com telhas de brasilite, telhas de barro, palha ou cavaco.<sup>11</sup> As moradias variam de acordo com as condições financeiras dos seus moradores, mas o que predomina são as casas construídas em madeira e cobertas de palha, matéria prima ainda

encontrada em abundância na floresta. O utensílio presente em praticamente todas as residências ribeirinhas é o fogão a lenha que ocupa um espaço privilegiado na cozinha e é um dos meios pelo qual o ribeirinho transforma os alimentos crus (natureza) em cozido (cultura). Para Woodward (2008, p. 44) “a comida é portadora de significados simbólicos, o ato de cozinhar representa a típica transformação da natureza em cultura”.

Outra razão para morar na beira do rio é a facilidade de comercialização dos produtos, dentre os quais a venda principalmente do açaí, para os atravessadores que adentram os rios e vão, de casa em casa, negociar o açaí, que dependendo da compra do dia poderá ter o preço reduzido. Em média eles pagam R\$ 20,00 (vinte reais) por paineira,<sup>12</sup> quatro paineiras enchem uma saca do produto, que é vendido em Macapá por R\$ 120,00 (cento e vinte reais). No período da entressafra o valor aumenta significativamente, chega a custar R\$ 150,00 (cento e cinquenta reais). Sem ter como levar o que colheu para vender diretamente aos consumidores, os ribeirinhos não têm alternativa, acabam aceitando o preço que o atravessador quer pagar.

Além da água para o consumo e o comércio, o rio também é fonte de alimento “utilizamos o rio pra pescar, para tirar o nosso pão de cada dia, que é o peixe e o camarão.” (M.2). Do rio é tirado o “pão de cada dia”, que alimenta os moradores. Para pegar o peixe, o caniço<sup>13</sup> e a malhadeira<sup>14</sup> são as ferramentas mais eficazes. O ribeirinho coloca a malhadeira em um ponto estratégico do igarapé ou lago à noite, e vai tirá-la pela manhã, este trabalho é realizado por crianças, jovens, adultos e idosos.

O envolvimento de crianças e adolescentes com as práticas produtivas, ocorre desde a infância acompanhando os pais e aprendendo, no dia a dia, as habilidades necessárias para desenvolvê-la, num processo educativo no qual a natureza é o espaço de aprendizagem, os conteúdos são voltados para a sobrevivência e os educadores são os pais, avós, parentes ou outro adulto que esteja predisposto a ensinar enquanto desenvolve tais atividades. É o que Laraia (2009, p. 19) denomina de endoculturação, ou seja, “o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado”.

<sup>10</sup> Nome como também é conhecido a açazeiro, o ribeirinho corta a palmeira ao meio, e a usa como tábua para emparedar e fazer o assoalho de sua casa.

<sup>11</sup> Telha feita de pedaços de madeira.

<sup>12</sup> Instrumento artesanal feito de tala de buriti. Ver imagem no texto.

<sup>13</sup> Vara de bambu na qual é amarrada uma linha de nylon presa na extremidade por um anzol.

<sup>14</sup> Espécie de rede, utilizada para tapar lagos e igarapés.

Consiste no aprendizado dos hábitos culturais do grupo no qual o indivíduo está inserido, que começa na infância e perdura por toda a vida.

Sendo o homem um ser cultural, o aprendizado dos elementos simbólicos, dos hábitos, costumes, valores e crenças é essencial para a sua inserção no mundo da cultura, que é criado por seres humanos históricos e políticos, através das relações que estabelecem entre si e com a natureza. Neste sentido a cultura é compreendida como:

Tudo aquilo que nós criamos a partir do que nos é dado, quando tomamos as coisas da natureza e a recriamos como os objetos e os utensílios da vida social, representa uma das múltiplas dimensões daquilo que, em uma outra, chamamos de: cultura. (BRANDÃO, 2007, p. 22).

O mundo que nos é dado é construído e recriado por nós. Transformamos a natureza, através do trabalho, em cultura. Os ribeirinhos, para pescar o camarão, transformaram uma palmeira chamada Buriti em matapi,<sup>15</sup> que passou a ser incorporado nas práticas produtivas desenvolvidas pela comunidade. A maneira de pescar o camarão também é cultural. Na ilha da Madeira, os ribeirinhos usam o babaçu, espécie de ração, como isca, que é posto dentro do matapi para atrair a presa. O matapi é colocado na maré seca, e durante a enchente, o camarão entra na armadilha e não consegue sair. Quando a maré seca novamente é feita a sua despescagem.<sup>16</sup>

A prática desta atividade produtiva requer outros instrumentos como o paneiro, o casco e o remo, que são elementos culturais, criados para serem úteis ao ser humano.

Em relação à mata, na ilha dos Carás o principal produto extraído é o açaí, que serve para saciar a fome e como fonte de renda. O produto é à base da economia dos que moram na ilha. O período da safra compreende os meses de março a julho. Para a colheita muitos pais levam os filhos mais velhos para ajudá-los, tanto para apanhar como para debulhar.

Na mesa, o açaí com a farinha de mandioca é o prato principal acompanhado do peixe, camarão ou charque frito. O produto é consumido praticamente diariamente na época da safra, às vezes, é o único alimento da família.

Segundo Woodward (2008, p. 42), “aquilo que comemos pode dizer muito sobre quem somos e sobre a cultura da qual vivemos. A comida é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias”. O açaí é outro elemento simbólico da cultura Amazônica, faz parte do cardápio do nortista, seja da cidade ou do campo. Especificamente para os habitantes das áreas rurais-ribeirinhas é um símbolo de sua identidade cultural. Tomado, seja no almoço, no jantar ou no almoço e jantar, a criança, o jovem, o adulto e o idoso recuperam as energias e as forças gastas no trabalho.

*Tomo açaí todo dia, se tiver, bebo de manhã, de tarde e de noite, ele me dá força, sustança, e me deixa aceso pra mariscar, caçar, lancear e é claro tirar açaí pra tomar e vender. (M. 6)*  
*O dia que não bebo açaí parece que não enchi a barriga, fico aguniado, parece que não comi nada, é o costume, sabe, e ai vou pro mato vê se tiro pelo menos um cachinho pra beber. (M. 5)*

Em relação à colheita do açaí, o Morador 5 relata as ferramentas que são comumente utilizadas:

*Amanhã, eu e a minha velha, vamo sair cedo pra mata tirar açaí, aproveitar a enchente da maré. Já amolei o terçado, fiz a peconha e a debulhadeira com os saco já tão no casco. (M. 5)*

Para apanhar o açaí, as ferramentas elencadas acima são essenciais. Com a peconha o ribeirinho sobe na palmeira e para cortar o cacho usa o terçado. A debulhadeira, que geralmente é uma saca de farroupilha aberta, serve para aparar os caroços de açaí que caem do cacho no ato da debulhação<sup>17</sup> que, em seguida, é colocado no saco.

A transformação da fruta em vinho<sup>18</sup> é realizada de várias formas, dentre as quais: amassar com as mãos, bater na massadeira elétrica ou na manual. A mais utilizada é a massadeira manual, pois são poucos que possuem motor a óleo diesel para o funcionamento da elétrica (somente o representante de cada comunidade possui esta tecnologia).

No processo da passagem do fruto para o vinho, segundo Barros (2007, p. 106) “os ribeirinhos transformam o açaí (natureza pensada) em cultura ribeirinha (natureza transformada)”. Para

<sup>15</sup> Instrumento feito de talas de buriti. Tem o formato cilíndrico com uma entrada, chamada de boca, por onde entra o camarão na maré cheia.

<sup>16</sup> Retirada do camarão de dentro do matapi.

<sup>17</sup> Debulhar é o ato de tirar, com as mãos, os caroços do açaí do cacho.

<sup>18</sup> Como é chamado o suco retirado do açaí após ser amassado com as mãos ou batido na massadeira.

isso vários saberes são mobilizados, começa com a retirada da tinta,<sup>19</sup> para não fazer mal ao estômago, para isso o açaí é colocado dentro de um pano e socado durante dez minutos, após a socagem, é derramada água fria no produto para que a tinta possa escorrer. Em seguida, coloca-se água quente para amolecer a polpa. Agora é só colocar na massadeira (manual ou elétrica) e bater ou amassar com as mãos. Na ilha são poucos os que ainda utilizam aguidás<sup>20</sup> e peneiras<sup>21</sup> para amassá-lo. Quem não tem a massadeira, usa a do vizinho mais próximo, e como contribuição, deixa uma porção de açaí batido ou em caroço.

Durante o período da pesquisa nas comunidades, presenciamos somente as mulheres amassando ou batendo o açaí. O que nos leva a concluir que no processo de transformação, ao homem cabe socar e a mulher bater ou amassar com as mãos o produto. A fala de uma entrevistada reforça esta divisão social do trabalho.

*O serviço do homem é socar bem o açaí pra tirar a tinta, e tem que ser bem socadinho, pra sair tudo. O serviço da mulher é botar de molho, bater pra retirar o vinho e depois lavar a massadeira, caiu aqui na cozinha é trabalho de mulher [risos]. (M.4)*

As crianças participam de forma direta, ajudam a socar (meninos) e a amassar (meninas), ou de forma indireta (observam os adultos desenvolverem tais procedimentos). No ato de apanhar o açaí, não há distinção de sexo nem idade, tanto homens como mulheres, crianças, jovens e idosos participam.

Na ilha dos Carás, sendo o açaí o produto gerador de renda, os ribeirinhos praticam o manejo da espécie para preservar e ao mesmo tempo aumentar a produção. O manejo é realizado quando: percebe-se que a palmeira está muito alta e com o tronco fino, o que aumenta o risco de acidente, pois ela poderá quebrar e ferir o apanhador;<sup>22</sup> e quando ela não produz mais cachos, isso ocorre devido à idade. Quanto mais velha é a palmeira, mais alta e fina ela fica e produz menos a cada ano. Em média, de acordo com o Morador 1, um pé de açaí vive durante 25 a 30 anos e produz de 5 a 7 cachos de açaí por safra. O manejo é feito da seguinte maneira:

*Quando fica um açaizal muito fechado ele não dá produção, fica abafado com muitas árvores na toicera, é preciso que desabafe. Por exemplo: se numa toicera tem seis árvores você tira as duas mais alta, fica quatro, essas árvores, a tendência delas é crescer, quando elas chegam num porte ela perde a consistência de produção, só que as mais baixas elas tão querendo produzir, aí você tira as mais altas e deixa as mais baixas, aí todo tempo as toiceiras tem consistência para arrenbentar os filhos, aí você tira as mais altas com cuidado pra não quebrar os filhotão e faz o aproveitamento, por isso que o açaí nunca falhou, todo mundo aqui se sustenta dele. Há mais de trinta anos venho fazendo isso. (M.2)*

O manejo, realizado pelos ribeirinhos, tem como objetivo garantir o crescimento do açaizal, os pés mais velhos são cortados para que os mais novos possam crescer, dessa forma aumenta a produção, pois quanto mais novo o açazeiro, mais cachos ele produz. O aproveitamento ao qual o Morador 2 se refere, é o palmito extraído das árvores cortadas. Os filhos/filhotão são os pés que estão pequenos, na sombra dos maiores, e necessitam de sol para crescer, o que acontece com o manejo. Os ribeirinhos não fazem roça para evitar derrubar os açazeiros, é mais lucrativo, tanto para o meio ambiente como para a economia da ilha manter o açaizal.

*A roça é um trabalho dispendioso e menos lucrativo, pra plantar cinco tarefas de mandioca, tem que derrubar, roçar e queimar uns dez hectares de mata, você faz isso já prejudicou a mata, tem um enorme trabalho pra fazer o roçado, as despesas são muitas, aí você vai plantar e esperar seis meses pra aquela mandioca amadurecer, vai colher a mandioca, vai fazer a farinha que é um trabalho sacrificoso, se for colocar no bico do lápis, você não vai tirar a metade do que gastou, além de tudo a mata já ficou nua, então não é conveniente. Aqui ninguém faz roça, ninguém derruba açazeiro pra plantar nada. (M.2)*

A preocupação com preservação ambiental garante a sobrevivência das famílias que dependem da natureza. A mata não pode ficar “nua”, se isso acontecer, ela ficará sem vida, estéril e não alimentará. Com a renda obtida na venda do açaí, é comprada, em Macapá, a farinha e outros produtos da cesta básica e também os necessários para o dia a dia e a saúde da família.

<sup>19</sup> Nove entre dez moradores da ilha tiram a tinta do açaí antes de batê-lo ou amassá-lo.

<sup>20</sup> Espécie de bacia feito de barro retirado da beira do rio.

<sup>21</sup> Instrumento feito de tala de buriti no qual o açaí é coado.

<sup>22</sup> Pessoa que apanha açaí.

As derrubadas são feitas somente para plantar açaí, prática comum na ilha, desta forma o açaí-zal nativo convive com o plantado pelo homem.

Se o açaí for plantado, a sua natureza já nasce e cresce transformada pela cultura do ribeirinho, porque antes mesmo de nascer o açaí foi plantado por ele e depois também será colhido pelo ribeirinho, se transformando em 'natureza-cultura', objeto de satisfação da necessidade humana (BARROS, 2007, p. 106).

Neste caso, a natureza é modificada, para atender as necessidades do ser humano. As paisagens naturais dão lugar à "natureza-cultura" criada e recriada pelos sujeitos do lugar.

*É preciso plantar, é plantando que agente garante o pirão que vai nos alimentar e saciar a fome, gosto de plantar e sempre trago meus filhos e filhas comigo pra eles aprenderem a gostar também. Um pé de açaí plantado demora uns 4 anos pra dá, é um tempo que passa rapidinho e dá gosto tomar um vinho de um açazeiro que agente plantou. (M.3)*

O pirão que alimenta e sacia a fome vem da floresta, é nativo, quando é gerado pela natureza e cultural quando é plantado pelo ser humano.

O açaí plantado ou nativo, não produz o ano inteiro, tem época de produção, como afirmamos anteriormente. No período da safra o ribeirinho, assim como consome, também vende o que colhe. Com o dinheiro da colheita, constrói uma espécie de poupança para manter a si e sua família no período da entressafra, que na ilha dos Carás inicia no segundo semestre do ano. A pesca do camarão e do peixe é praticada principalmente neste período (no verão), mas a escassez do peixe nos rios, lagos e igarapés levam-nos a comprar alimentos diretamente na cidade, ou do regatão,<sup>23</sup> produtos como: carne, frango, enlatados dentre outros.

Sendo assim, o inverno, período das chuvas é a época da colheita e venda do açaí, e o verão, época de sobreviver a partir da renda gerada pela comercialização do produto. Desta forma, a vida dos ribeirinhos, na ilha, está ligada aos ciclos da natureza. O estigma de preguiçoso, fruto de uma visão etnocêntrica, é desconstruído quando passamos a olhar o outro a partir de sua cultura.

<sup>23</sup> Barco que circula nos rios, lagos, furos e igarapés da ilha vendendo produtos como: carne (de gado, de frango e de caça), açaí, bebidas, cigarros, roupas, carvão, gás de cozinha, panelas, charque, enlatados etc.

O resto do tempo é ocupado com atividades que geralmente estão pouco articulada com o mercado: limpeza de algum igarapé, preparação de festas de santos, etc, garantindo parte de auto-suficiência, em termos modestos. Daí alguns estereótipos que comumente lhes atribuem: preguiça, inadaptação para o trabalho, falta de aspiração pessoal (LOUREIRO, 2001, p. 39).

Pelo exposto, podemos inferir que o ribeirinho mantém uma relação de sobrevivência com a natureza transformando-a de acordo com as suas necessidades, mas sabe que precisa preservá-la para produzir a sua existência. Ao transformar o ambiente natural, o ser humano constrói cultura, cria símbolos que o identifica enquanto sujeito cultural.

### **Os elementos simbólicos da cultura ribeirinha**

Segundo Woodward (2008, p. 9), "a identidade é marcada por meio de símbolos [...]. Existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa". Nesse sentido o fogão a lenha, as casas na beira do rio, os cascos, os catraios, o paneiro, o matapi, a malhadeira e o caniço são marcas que simbolizam o viver dos sujeitos da ilha dos Carás. Suas identidades são construídas a partir das relações sociais estabelecida com os símbolos de sua cultura.

*Eu tenho dois fogões, o a gás e o a lenha, mas o a gás é só para enfeite [risos], é difícil usar, por causa do preço do gás, então agente, aqui em casa usa direto o fogão a lenha pra fazer tudo: café, comida, esquentar água pra amolecer o açaí; eu, meus filhos e o marido já estamos acostumados com ele, a comida apronta mais rápido e fica mais gostosa, e a lenha tai no mato, é só tirar, não precisa comprar. (M.4)*

Na cozinha estão os dois fogões, um como enfeite, o produto industrial, para atender as exigências da sociedade de consumo. O outro, construído pelos sujeitos do lugar, para atender as suas especificidades. O fogão a lenha é feito através de uma combinação do barro, que é retirado da beira do rio, e a madeira, extraída da mata. O modelo depende da criatividade do seu (sua) autor (a), é um objeto marcante nas residências, entorno dele, a conversa se desenrola entre crianças, jo-

vens, adultos e idosos. A fumaça que brota após a queima da madeira, ajuda a espantar os maruins<sup>24</sup> durante o dia, e o carapanã<sup>25</sup> à noite, além de esquentar o corpo nos dias e noites de frio.

O significado que esses instrumentos (paneiro, remo, casco, matapi, malhadeira, caniço, ca-traio, casas, fogão a lenha) simbólicos possuem, são tecidos no interior de uma cultura pelos sujeitos que a criam e recriam. E só podem ser interpretados dentro e a partir deste contexto. Nesse sentido, afirma Geertz (1978, p. 15) que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”.

A este respeito, segundo Brandão (2007c, p. 24), “o que importa é a nossa capacidade e também a nossa fatalidade de atribuirmos significados múltiplos e transformáveis ao que fazemos, ao que criamos, aos modos sociais pelos quais fazemos e criamos”. Quem faz, cria e atribui significados são os homens e mulheres, através do trabalho, da intervenção consciente na natureza com o intuito de transformá-la de acordo com as suas necessidades. Ao transformar a natureza, transformam a si próprio.

*Aprendi com meu pai e minha mãe, e já ensinei meus filhos e agora tô ensinando meus netos a tecer o paneiro e o matapi, a fazer o manejo do açaí, a escolher a melhor madeira, na mata, pra fazer o casco e o remo. São coisas que eles precisam saber pra viver aqui, pra poder comer e beber tem que saber como fazer e usar tudo isso. (M.5)*

O ribeirão transforma o buritizeiro, produto da natureza, em paneiro e matapi; o açazeiro em madeira para emparedar e assoalhar as casas, bem como extrai o fruto e o palmito para o alimento; o bambu em caniço; diversas árvores são transformadas em cascos, remos e outras embarcações; o barro é transformado em fogão movido a lenha. Estes são alguns exemplos da construção dos elementos simbólicos do repertório da cultura ribeirinha e para perceber os seus significados “é necessário conhecer a cultura que os criou” (LARAIA, 2009, p. 56).

O rio é outro principal elemento desta cultura, significa para o ribeirão, vida e também fonte de doenças.

*Tiramos à água do rio, mas a tratamos, porque ultimamente, nós temos uma água poluída. A*

<sup>24</sup> Mosquito que se alimenta de sangue humano, a sua picada é dolorida e provoca coceiras e alergias.

<sup>25</sup> Mosquito conhecido em alguns Estados como pernilongo.

*cada dia que passa você vê a quantidade de embarcações com pessoas sem consciência que vão jogando coisas que poluem na água. Outra, que ela é água corrente, quando chega a invernada, ela entra na terra, e sai, aí ela trás bactérias de cima da terra pro rio, por isso agente puxa a água do rio e procura tratar ela para o consumo da gente. O maior responsável pela poluição são os homens e mulheres, pois tudo que pegam, às vezes, não tem o cuidado de fazer um depósito ou queimar; vai e joga no rio. Os animais mortos como: porco, cachorro e galinha eles jogam no rio, com isso vai poluindo a água, trazendo doenças. (M.3)*

O rio é fonte de doenças quando as suas águas são poluídas e contaminadas. O Morador 3 em sua fala, aponta as pessoas da própria comunidade como um dos agentes dessa poluição, por isso, a água precisa ser tratada para o consumo. O rio também é fonte de encantamento, abrigo de entes sobrenaturais que permeiam o imaginário ribeirão.

Aqui no rio vive uma iara, onde mora um pai de santo, vive uma iara; que é uma sereia, que quando dá umas seis horas da tarde, se agente ouvir barulho igual uma queda de pau, quando agente vai se aproximando dos paus que tem na beirada do igarapé, são elas que pulam na água, eles falam que a iara é uma bota encantada, é uma mulher muito bonita e tem gente que já ouviu o barulho lá perto né, e chaga lá não é nada, só a maresia. (M.4)

O Pai de Santo, o qual a moradora 4 se refere, é um ribeirão que reside na comunidade do rio Caetano, ele se autodenomina Pajé, é o curandeiro da ilha, procurado para: curar quebranto,<sup>26</sup> flechada de bicho, encantamento, olho gordo, espanto, e outras mazelas causadas pelos encantados. Essas doenças são causadas por seres sobrenaturais, que fazem parte do repertório cultural ribeirão. As narrativas míticas, contadas pelos moradores mais antigos, envolvem estes seres sobrenaturais que habitam os rios e a mata, para Fares (2004, p. 86) as narrativas amazônicas “implicam nas histórias de vida dos moradores, sendo assim, não se pode atribuir o caráter ficcional a estas, mas compreendê-las como uma construção em que os saberes simbólicos e imaginários misturam-se e sobrepõem-se”.

<sup>26</sup> Doença que acomete principalmente as crianças, causada por susto, mal olhado ou pessoa adulta que chega suada e com fome da mata ou do rio e agrada a criança.



As histórias contadas pelos mais velhos são transmitidas para as novas gerações através da cultura de conversa, desta forma, preservam-se as tradições, os costumes e os valores. Segundo Loureiro (2001, p. 38), os mitos, para o homem amazônico, denominado pelo autor de caboclo,<sup>27</sup> servem para explicar o mundo em que vivem “nesse contexto, isto é, no âmbito de uma cultura dissonante dos cânones urbanos, o homem amazônico, o caboclo, busca desvendar os segredos de seu mundo, recorrendo predominantemente aos mitos”.

A presença do mito está impregnada no comportamento dos ribeirinhos, seres como: o boto, a iara, o caboclo Rei dos Índios, a Mãe da Mata, o caboclo Gritador dentre outros, influenciam a maneira de pensar e agir, conforme relato dos entrevistados:

*Não deixo meus filhos irem para o rio, tomar banho, nem pegar água depois das seis horas da tarde, porque eles podem ser flechados pela Iara e ficar doentes, ai não tem jeito, só fica curado depois de ir lá com o pajé, para ele benzer. (M. 1)*

*Aqui em casa, ninguém vai cortar mato depois das seis horas, nem partir lenha, a Mãe da Mata pode não gostar. (M. 3)*

*Teve um dia que os homens ficaram gritando a noite lá na prainha, tinham bebido muita cachaça. Quando chegaram em casa, não conseguiram dormir, ficavam ouvindo os gritos do caboclo Gritador que não deixou eles dormirem. (M. 2)*

*Tem uma mulher que mora ali na boca do rio, que já foi cantada pelo boto. Ela conta que o marido tinha saído pra pescar a noite, e ela ficou com os filhos dormindo, já tarde da noite, ela vê um rapaz subindo no trapiche, ele entra na casa, a casa não tem porta. Ela pensava que era um dos filhos que saiu pra urinar no rio. Mas era o boto, que tentou entrar no mosquito dela, que conseguiu escapar dando um grito e acordando os filhos que botaram o safado pra correr. O boto veio atrás dela porque ela foi pegar água no rio quando estava menstruada, ele veio pelo cheiro. (M. 4)*

As mulheres, quando estão menstruadas, não devem tomar banho e nem pegar água no rio, pois atrai o boto. Assim como idosos, adultos, jovens e crianças não tomam banho no rio ou cortam lenha no mato após as dezoito horas. Os

seres míticos não gostam de serem incomodados e punem quem transgride o seu sossego. A punição se reflete nas doenças citadas anteriormente, que acomete principalmente crianças e adolescentes.<sup>28</sup> Segundo Fares (2004, p. 92)

O tempo da epifania, quase sempre é noturno, a partir das cinco horas da tarde, e o inverno é a estação preferida, porque escurece mais cedo. Os comunitários respeitam essas leis, pois têm medo dos castigos, e uma das formas de se proteger do infortúnio é ficar em casa.

A casa é o espaço de descanso após o dia de trabalho, seja na mata ou no rio, é também local de proteção contra os males causados pelos seres sobrenaturais.

*Após as seis horas da tarde, é hora de descansar em casa, da lida do dia, as vezes agente vai na casa do vizinho ouvir as novidades da cidade ou colocar a conversa em dia, como aqui na comunidade todo mundo é parente, de vez enquanto agente vai, a noitinha, visitar, mas sempre acompanhado, ninguém tem coragem de ir sozinho, com medo de visagem. (M.5)*

*Aqui em casa, pegar água e tomar banho no rio vai até as seis horas da tarde, depois quem quiser tomar banho vai ter que se virar, pedir permissão pra mãe d'água. Sei que aqui dentro de casa ela não vem nos fazer mal, mas se não pedir permissão pra ela, tu pode ficar panema e não pegar mais peixe e camarão. (M.3)*

Ficar panema significa não ter sorte. A pessoa panema não pega nada, tanto no rio como na mata. E ai só tem um jeito, procurar o pajé, para se curar da panemeira.

*Já curei muita gente da panemeira, o caboco panema não pega nada, não pega peixe, camarão, quando vai caçar não mata nada, os bichos não aparecem pra ele, e ai tem que se tratar direitinho pra poder ficar curado. (M.2)*

O Pajé, agente cultural de acordo com Laraia (2009), em determinadas culturas, é quem cura as doenças reais e imaginárias, mas para que a cura aconteça, é preciso que o doente tenha fé e acredite na poder do remédio e no seu curador.

A cultura também é capaz de provocar

<sup>27</sup> Na concepção de Loureiro (2001, p. 36) o caboclo é um mestiço descendente de índios e brancos.

<sup>28</sup> É expressivo o número, na ilha, principalmente de crianças com diarreia, quebranto e espanto.

cura de doenças reais e imaginárias. Estas curas ocorrem quando existe a fé do doente na eficácia do remédio e no poder dos agentes culturais. Um destes agentes é o xamã (entre os Tupis, conhecido pela denominação de pai'ê ou pajé). Basicamente a técnica de cura do xamã consiste em uma sessão de cantos e danças, além da defumação do paciente com a fumaça de seus grandes charutos (Idem, 2009, p. 78).

Na ilha dos Carás, o Pajé, além do canto e da defumação, receita remédios como: banhos, chás e afumentantes.<sup>29</sup> A matéria prima para fazer o que foi receitado é retirada da mata e/ou dos rios. Segundo Oliveira (2007, p. 42), o mito tem uma importância significativa para o ribeirinho, no que tange ao trato e as relações com a natureza, chegando a ter uma dimensão educacional.

A dimensão educativa do mito está presente, também, em seu poder de orientar a prática social das populações rurais. Nas comunidades ribeirinhas [...] o meio ambiente incorpora um simbolismo expresso na existência de entidade ou encantados protetores da floresta e das águas. Ensina-se desde a tenra idade que se deve respeitar a natureza, cuidá-la para que sejam preservados os recursos naturais e também pra não despertar a ira dos encantados.

A preservação dos recursos naturais de onde são retirados os meios para a manutenção da vida, tanto do homem como dos animais e vegetais, estão presentes de forma explícita ou implícita nas histórias de vida contadas pelos moradores da ilha aos seus filhos e netos. Os encantados, que são os protagonistas dessas histórias, protegem a natureza e punem quem ousa desobedecê-los.

Dentre os elementos protegidos, estão os rios, que influenciam nas atividades produtivas, nos hábitos e costumes e também na organização da escola. As marés definem: o horário de aula e de pegar água para o consumo, a colheita do açaí, a armação e despescagem do matapi e da malhadeira e a viagem para a acidade. As aulas nas escolas só acontecem na maré cheia, quando os catraios conseguem adentrar nos rios para transportar os alunos. Na maré seca, as praias que emergem in-

viabilizam a passagem de barcos e cascos.

O sucesso na colheita do açaí também depende da maré, que poderá ajudar ou impossibilitar que o ribeirinho adentre os açazais para colhê-los.

*Pra apanhar açaí depende da maré, se ela tiver seca não tem como chegar lá pra cima, tem que esperar ela encher, tem vez também que, quando amanhece, ela ta lançante, ela corre muito, ai não dá pro cara descer de casco, é muito ruim pra ir, devido à correnteza, além de ficar cheio os baixos, a água invade o açazal e ai não dá pra desbulhar<sup>30</sup> o açaí, tem que achar um toco de pau pra fazer isso. (M.6)*

Para Fares (2003, p. 35) as populações ribeirinhas são escravas do rio “o rio alimenta, transporta, enriquece, protege o homem: toda população ribeirinha vive do e no rio, submissa e dócil aos seus caprichos”. Corroborando com este ponto de vista Gallo (1980, p. 61) afirma que as águas impõem suas vontades,

é um dado de fato, quem manda é a água. É a água quem dá o sustento e cria as dificuldades, consola e leva ao desespero, condiciona a saúde, o trabalho, a vida da gente: sem levantar a voz, sem violência, mas implacável e total.

Mas apesar da ditadura das águas, os ribeirinhos criam e recriam meios para sobreviver nas Amazônias, dentre esses meios, estão às ferreamentas que são os símbolos de sua identidade cultural, usadas para pescar, caçar, apanhar açaí, navegar pelos rios, lagos, furos e igarapés e também para se abrigar do sol e da chuva.

## Considerações Finais

A partir do estudo realizado podemos inferir que os ribeirinhos da ilha dos Carás constroem suas identidades dentro de um contexto social, econômico e cultural permeado pela presença de seres míticos que habitam os rios, lagos, igarapés e a mata. A presença marcante dos artefatos urbanos e dos hábitos e comportamentos fomentados pelos meios de comunicação de massa, principalmente a Televisão, se misturam com a cultura ribeirinha que é construída e reconstruída pelos sujeitos do lugar.

O processo de aprendizagem dos artefatos culturais inicia desde a infância, através da participação direta na confecção do paneiro, matapi,

<sup>29</sup> Expressão utilizada pelo pajé no ato da entrevista, que significa afumentar (massagear) a parte do corpo afetada pela doença, com remédios feito de ervas.

<sup>30</sup> Tirar os caroços do açaí, com as mãos, do cacho e colocá-los na saca ou paneiro.

malhadeira dentre outros, assim como das atividades produtivas acompanhando os adultos ou os irmãos mais velhos na pesca, caça, e colheita do açaí, desta maneira o pertencimento a esse lugar, dá-se pelo domínio das ferramentas que são utilizadas cotidianamente para a garantia da sobrevivência pessoal e familiar.

Concordamos com Woodward (2008, p. 8) no sentido de que “a identidade é, assim, marcada pela diferença”. Esta diferença é estabelecida pelos elementos simbólicos que estão presentes no meio cultural dos ribeirinhos da ilha da madeira e que os diferenciam dos demais, principalmente da cultura urbana.

## Referências

BARROS, Oscar Ferreira. *Educação popular ribeirinha: um estudo dos saberes e práticas produtivas do trabalho ribeirinho na amazônia paraense*. 2007. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação como cultura*. 1ª reimpressão. São Paulo: Mercado de Letras, 2007.

CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes. Currículos e saberes: caminhos para uma educação do campo multicultural na Amazônia. In: HAJE, Salomão Mufarrej (Org.). *Educação do campo na Amazônia: retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará*. Belém: Gutemberg, 2005.

FARES, Josebel Akel. Cartografia poética. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org.). *Cartografias ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas*. Belém: CCESE-UEPA, 2004.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Amazônia, Amazônia*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 23. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; MOTA NETO, João Colares. Saberes da terra, da mata e das águas, saberes culturais e educação. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org.). *Cartografias ribeirinhas:*

saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas. Belém-Pará: CCSE-UEPA, 2004.

RODRIGUES, Denise Souza Simões; NETO, Adolfo da Costa. O lugar de estar sendo dos sujeitos amazônidas rurais-ribeirinhos. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org.). *Cartografias ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas*. Belém-Pará: CCSE-UEPA, 2004.

RODRIGUES, Denise Souza Simões et al. Cultura, cultura popular amazônica e a construção imaginária da realidade. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org.). *Cartografias de saberes: representações sobre a cultura amazônica em práticas de educação popular*. Belém: EDUEPA, 2007.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 8. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

*Edilso Manoel Mendes de Almeida*

Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará – Linha de Pesquisa: formação de professores. Educador no Núcleo de Educação do Campo na Secretaria de Estado da Educação do Amapá.

e-mail: edielsoalmeida@bol.com.br

Recebido em 14/10/2009

Aprovado para publicação em 04/11/2009

